



O cuidado ao bebê com deficiência na creche: Um olhar a mais

Antônia Madeira Rodrigues*

Orientadora: Prof.^a Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes

Introdução

- Desde 2013 a inclusão nas escolas no Brasil é obrigatória a partir dos quatro anos de idade (Brasil, 2013 - Lei nº 12.796).
- Mas, chama atenção que é cada vez maior a presença de bebês (0 - 3 anos) com deficiência no ambiente de cuidado da creche (INEP, 2018).
- Neste contexto, surgem novas demandas de adaptação às necessidades singulares desses bebês para os educadores da área.
- Do ponto de vista psíquico, a identificação e atendimento a essas necessidades é uma tarefa complexa por si só (Elfer, 2012).
- Isso se deve a ansiedade e sentimentos difíceis de lidar que o contato com o bebê pode despertar (Polli & Lopes, 2017), parecendo ser ainda mais impactantes frente a deficiência.

Objetivo

- Desvelar as exigências psíquicas para os educadores no cuidado a um bebê com deficiência.

Método

Participantes:

- Seis educadoras que atendiam Mariana, de 24 meses (Caso 1), e quatro educadores que atendiam Vitória, de 18 meses (Caso 2).

- Ambas as bebês tinham deficiência física e frequentavam duas Escolas Municipais de Educação Infantil de Porto Alegre.

- Todos os dez educadores participaram do estudo maior: *A inclusão de bebê com deficiência física em creche: programa de acompanhamento para educadoras com base em conceitos winnicottianos* (Bossi, 2017).

Delineamento e procedimentos:

- Estudo de caso múltiplo (Stake, 1996), descritivo e transversal
- Entrevistas nas escolas com os educadores

Instrumento:

Entrevista sobre a rotina de cuidado de educadores de creche em contexto inclusivo (Bossi & Piccinini, 2015).

Análise dos dados:

Os dados foram analisados através de diversas leituras do material, produzindo um relato clínico, comumente utilizado na clínica psicanalítica e em estudos na área.

Resultados

Quanto às necessidades do bebê com deficiência, os educadores ressaltaram:

CASO 1

Mariana tinha uma alteração generalizada do tônus muscular de tronco e membros, o que prejudicava seu equilíbrio corporal.

- A necessidade de estímulo e suporte físico para auxiliar no seu desenvolvimento e integração com os colegas:
"Ela tem uma deficiência motora, então eu acho que o estímulo mais é físico, mesmo, mais na motricidade dela." (Anastácia, E3);
- A importância do afeto na relação educador-bebê:
"Como qualquer outra criança, precisa de afeto, de amor assim, eu acho que isso é o que mais precisa." (Joana, E4);

- A demanda de um "olhar a mais", mais sensível, e de uma presença maior dos educadores para essa bebê:
"Ela precisa de um olhar a mais, voltado para essa deficiência que ela tem." (Simone, E1).

CASO 2

Vitória tinha paralisia do lado direito do corpo que a impossibilitava de caminhar, exigindo auxílio dos educadores.

- A importância de um serviço mais integrado entre as áreas da saúde e da educação para pensar no desenvolvimento saudável da bebê:
"Ter um olhar mais, né, específico pra ela em relação a questão do desenvolvimento." (Rafaela E8);
- A demanda do auxílio físico especialmente nos momentos de deslocamento da bebê:
"Ela tem necessidade motora, né, tem que dar um atendimento, tem que pegar no colo ela e levar." (Beatriz, E10);
- A necessidade de um olhar mais sensível e atento a suas diferentes demandas:
"Acho que carinho e atenção e um olhar bebê-criança, ou seja, tu precisa ter um olhar não nosso, de adulto, a gente tem que olhar como um bebê, tentar entender o mundinho dele, o contexto dele. Atenção, carinho e esse olhar diferenciado." (Paulo, E9)

Discussão e Considerações finais

- O "olhar a mais" destacado pelos educadores pode ser compreendido como a exigência de disponibilidade física e psíquica para atender as necessidades das bebês com deficiência na creche.
- A dificuldade em descrever o que seria esse "olhar a mais" pode se referir a própria complexidade em identificar as necessidades do bebê, pois essas são expressas de forma diferente da dos bebês sem deficiência, e diferente da própria vivência das educadoras quando bebês.
- Na presença de deficiência física, o corpo dos educadores se torna instrumento no auxílio ao processo de constituição psíquica das bebês, o que, no contexto de cuidado coletivo, pode ser desgastante para os mesmos.
- Esta dependência dos bebês também é desgastante pois exige dos educadores um olhar sempre atento ao bebê através da forma de comunicação primitiva estabelecida com seus cuidadores através de sua dedicação e identificação com o bebê: a comunicação silenciosa. (Winnicott, 1994).
- Esse desgaste se dá também por ser necessário conciliar as demandas dos bebês que se encontram num estágio de dependência, mesmo que relativa, por cuidados (Vitta, 2010).
- A integração entre os serviços da rede pública, nesse caso especialmente saúde e educação, tem muito a contribuir para a melhora dos cuidados e a potencialização da inclusão nas creches.

Referências

- Bossi, T. J. (2017). *Inclusão de bebê com deficiência física em creche: programa de acompanhamento para educadoras com base em conceitos winnicottianos*. (Tese de doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): Porto Alegre. * Bossi, T. J., & Piccinini, C. A. (2015). *Entrevista sobre a rotina de cuidado de educadoras de creche em contexto inclusivo*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado. * Brasil (2013). *LEI Nº 12.796, DE 4 DE ABRIL DE 2013*. Brasília: Congresso Nacional. * Elfer, P. (2012). *Emotion in nursery work: Work Discussion as a model of critical professional reflection*. *Early Years: An International Research Journal*, 32, 2, 129-141. * Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira — INEP (2018). *Censo escolar da educação básica, 2017: Resumo técnico*. Brasília: INEP. * Polli, R. G., & Lopes, R. C. S. (2017). *Do que o bebê precisa? A função de cuidar na perspectiva das educadoras de berçário*. *Interação em Psicologia*, 21(2), 157-166. * Vitta, F. C. F. (2010). *A inclusão da criança com necessidades especiais na visão de berçaristas*. *Cadernos de Pesquisa*, 40(139), 75-93. * Stake, R. E. (2006). *Multiple case study analysis*. New York: The Guilford Press. * Winnicott, D. W. (1994). *A experiência Mãe-Bebê de Mutualidade*. Em C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott* (pp. 195-202, J. O. A. Abreu, trad.).